PARA UMA CERTA DESCOLONIZAÇÃO DA PALAVRA. ENTRE VÍRGULAS E PONTOS FINAIS

TOWARDS A CERTAIN DECOLONIZATION OF THE WORD. BETWEEN COMMAS AND END POINTS

VERS UNE CERTAINE DÉCOLONISATION DE LA PAROLE. ENTRE LES VIRQUES ET LES POINTS DE FIN

HACIA UNA CIERTA DESCOLONIZACIÓN DE LA PALABRA. ENTRE COMAS Y PUNTOS FINALES

Paula Guerra

Universidade do Porto, Faculdade de Letras e Instituto de Sociologia, CITCEM, CEGOT, Dinâmia/CET, Griffith Centre for Cultural Research, Porto, Portugal

Lígia Dabul

Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes, Niterói, Brasil

Miguel Torga dizia-nos que a arte é sincera, que a política é sincera e que o amor é sincero. E tudo isso é explicado por um dicionário. Diz-nos também que sábios são aqueles que disseram que os músculos da laringe é que pensavam, isto é, pensavam e articulavam as palavras. Neste número, arriscamo-nos a afirmar que estamos perante um conjunto de laringes que pensam e que articulam ideias. Ideias que são inovadoras no campo da academia. A palavra, neste número, é o destaque, pois diz respeito a tudo o que é inexprimível de outra forma. Fala-nos da (e à) alma e da necessidade insaciável do saber. Como referimos acerca da abordagem sociológica das manifestações punk no Portugal contemporâneo num livro justamente intitulado “As palavras do punk”: “quem quiser considerar as palavras do punk e as “mensagens” que elas veiculam, as atitudes que elas exprimem, os temas que abordam e os valores para que remetem, deve olhar para o conjunto da sua produção artística e cultural.” (Silva & Guerra, 2015: 165).

A palavra está para as ciências sociais, como os números estão para a matemática. É como uma prova dos nove, como nos tempos dos nossos avós, que nos dá a certeza de que estamos no caminho certo. Num caminho que passa pela comunicação, pela compreensão e pela transmissão e partilha. A arte mesma está atravessada pelos sentidos que juntos construímos por meio de trocas de palavras e conversas (Dabul, 2008). Assim, a palavra dá-nos várias representações da verdade, mas também nos dá espaço para sonhar e para imaginar resultados, tal como num filme com um final aberto. Também nós podemos criar narrativas, histórias e pontos finais, como também podemos acrescentar vírgulas à medida que vamos descobrindo o mundo.

A palavra sempre foi uma constante nas ciências sociais. Na sociologia está presente já nos registros de observação e nos diários de campo, mas também nas entrevistas e nas análises que se tecem. No campo das representações – temática essa que se encontra espelhada neste volume – a palavra dá-nos uma impressão da “verdade”. Não da nossa, nem a do outro, mas sim aquela que é partilhada (Guerra & Alberto, 2021).

Também as ciências sociais continuam atravessadas pelas próprias possibilidades desigualmente distribuídas de enunciação por meio de seu discurso. Pierre Bourdieu atentava para a necessidade de escapar ao açambarcamento da palavra. Regidas pela origem e pertencimentos sociais daqueles que podem praticá-las, as ciências sociais, como de resto parte muito significativa da literatura, ao mesmo tempo que por meio dos seus discursos explicitam desigualdades e silenciamentos relevantes, abrem-se cada vez mais, como resultado de lutas as mais diferentes e todas elas urgentes, para que as tensões raciais, de gênero, de classe, relativas a dominações tão diversas, encontrem abrigo, amplificação, novas formas de existir (Guerra & Quintela, 2020). No Brasil, intelectuais, artistas e ativistas negras e negros (Mombaça, 2021) interpelam a predominância de *epistemes* construídas por sistemas calcados em exploração e violência, renovadores de mecanismos instituídos já desde o processo de colonização e estabelecimento da escravidão de população indígena e de origem africana. Na realidade, a escrita pode configurar-se em demarcações genéticas incisivas (Evaristo, 2015), como como suporte de narrativas silenciadas (Borges, 2020) e interpelação e deliberação substantivas e contundentes:

Escrevo agora para os brancos – para os homens brancos, bem como para todas as gentes brancas – cuja brancura é menos uma cor e mais um modo de perceber a si e organizar a vida, uma inscrição particularmente privilegiada na história do poder e uma forma de presença no mundo: nós vamos nos infiltrar em seus sonhos e perturbar seu equilíbrio. Às pessoas heterossexuais, cuja heterossexualidade é contínua ao regime político de homogeneização sexual, extermínio dos desejos subnormais e genocídio das corporalidades desviantes, eu gostaria de dizer: nós vamos penetrar suas famílias, bagunçar suas genealogias e dar cabo de suas ficções de linhagem. Para cada pessoa cisgênera que olha a si e se vê como norma, e assim olha o mundo e o vê como espelho, deixo o seguinte recado: nós vamos desnaturalizar a sua natureza, quebrar todas as suas réguas e *hackear* sua informática da dominação. (Mombaça, 2021: 75).

Expectativas de criação de novos discursos para além do baseado na história colonial também ultrapassam a academia e nutrem-se da arte e da literatura (Kilomba, 2019). Na realidade, as propostas de descolonização, também as relativas ao discurso acadêmico, consistem boa parte das vezes em procedimentos de explicitação e questionamento de hierarquias pautados por ímpetos de mudanças impactantes. Daniel Henhawk (2013) refere que apesar da palavra possuir inúmeras potencialidades, a mesma também causa imensos entraves, especialmente quando

falámos da escrita académica ou científica. O autor fala-nos do uso recorrente do “nós” ou do “nosso”, sendo que o “eu” é desconsiderado, tido até mesmo como erróneo. Assim, é neste estrito sentido que aferimos que a palavra também ser alvo de um processo de descolonização, isto é, de libertação das normas sociais e convencionais, academicamente impostas e aceites. Por isso é que este volume pretende dar conta de um conjunto de abordagens que, em certa medida, proporcionam e promovem um modo de descolonizar a palavra, quer seja pela sua forma e sintaxe, ou mesmo pelo significado que as palavras ganham quando transformadas em frases sobre jovens, sobre violência, sobre feminismo ou sobre resistência, entre outros tópicos.

Associada à descolonização da palavra e do conhecimento científico, existe uma vontade por parte dos indivíduos de fazerem com que os conteúdos que são transmitidos sejam pragmáticos e diretos, pois é expectável que a mensagem chegue mais rápido e a mais pessoas. Existe também a busca por um autoconhecimento, sendo que neste sentido a palavra surge como uma forma de representar e mapear aqueles que não constam dos cadernos de anotações por não se inserirem nos padrões. Logo, assumindo este caráter a palavra também é fundamental para que se possam criar espaços de resistência pessoais e coletivos. Spivak (1988) na sua obra “Can the subaltern speak?” desafia a violência epistémica dos académicos ocidentais e é exatamente esse sentimento e essa contestação que nos pareceu evidente após a leitura dos artigos que compõem este volume da *Todas as Artes*. Existem quase que estilhaços de uma série de reivindicações que há muito deixaram de ser neutras, uma vez que representam o que incomoda ou o que tende a ser ocultado pelo mundo ocidental (Darder, 2017). Com este volume, desafiam-se as lentes interpretativas e o poder que a palavra tem na persecução deste processo paulatino de descolonização da palavra nas ciências sociais. Retomando “As palavras do punk”: as palavras definem o punk porque as múltiplas conformações do punk – se existe ou não existe, quando existiu e deixou de existir, segundo que balizas, em que géneros, o que é punk e o que deixa de sê-lo, qual é o autêntico e qual é o fingido, qual o primordial e qual o epigónico, qual a cópia e qual o remake, qual o genuíno e qual o fake, qual o espontâneo e qual o comercial, quem o fez, quem o desfez, quem o refaz, quem o preserva, o que quer dizer, que sentido tem – as múltiplas conformações do punk dependem dos múltiplos discursos sobre o punk. “Hiperpalavra”, sim. Mas ainda palavra múltipla, várias e diferentes palavras, pluralidade de locutores e diversidade de locuções.” (Silva & Guerra, 2015: 215).

Adaptámos, assim, a crítica de Spivak acerca da incapacidade do homem de ouvir o outro, acrescentando a incapacidade do homem de ler o que o outro tem para dizer. É neste interstício que emergem as linhas de investigação descolonizadoras, entendidas como sendo profundamente marcadas pela resistência, pela inconformidade e por uma epistemologia da inovação e, claro está, por outras formas

de universalização da linguagem executada, transmitida e captada. Pretende-se levar a cabo uma descolonização que (des)normalize as realidades, isto é, a adoção de uma linguagem que não seja ela própria desigualitária. E nisso a língua portuguesa é mestre. É urgente que se acabem com os centros e as margens, com os delinquentes e os *santinhos*, com os normais e com os desviantes. É urgente que se busque por uma epistemologia e por uma etimologia que seja fluída, flexível ao mundo e ao seu conhecimento, mas que seja também desterritorializada e desestabilizadora do conhecimento (Paraskeva, 2011). Temos presentes uma série de contributos que têm como génese a busca por uma lente metodológica interpretativa descolonizadora. Estamos perante um grupo de autores que criticam, que redefinem e que reinventam as suas pesquisas e que, por isso, também eles se vão descolonizando. Na verdade, todos nós, num certo momento das nossas vidas, teremos de passar por esse processo de descolonização do pensamento. Estes autores dão origem a vozes interpretativas subalternas, tal como fizeram Goffman (1974) e Durkheim (2001), ao falarem de manicómios e suicídio, respetivamente.

Nestes processos de descolonização da palavra, encontrámos também aquilo que Hooks (1994) apelida de autoridade da experiência vivida, que se prende com as sensibilidades de quem investiga. A descolonização obtém força a partir da veracidade das falas, dos questionamentos, das transgressões e das reinvenções dos discursos e das histórias vivenciadas. Então, a descolonização da palavra também assenta numa investigação social crítica que, como diria Freire, ataca a ideologia opressora dominante (Darder, 2017). Desta feita, a investigação como uma forma de descolonização da palavra, que é e será aqui discutida, neste número da revista, pode ser entendida como um processo de capacitação e de empoderamento dos indivíduos, mas, mais do que isso, deve ser visto como um esforço ético e científico de mudança da teoria e da prática. Paralelamente, defende-se inclusivamente um processo de descolonização das sensibilidades e da ideia daquilo que é ter direito à diferença, direito esse que centraliza e personifica vozes que são abafadas por um sistema opressor. Com este número, pretendemos dar luz a um ethos interpretativo dos processos contemporâneos de descolonização que a palavra tem sofrido e, para tal, iremos apresentar os artigos que compõem e que marcam o itinerário desta Revista, expondo – ainda que simbolicamente – aquilo que Dussel (2013) apelida de éticas de libertação, ou seja, este número é composto por artigos, resenhas e registos de pesquisa que propõem um repensar da totalidade da nossa vivência existencial e simbólica.

Ora, a primeira paragem na nossa viagem pelas palavras dá-se com Glória Diógenes e Irylis Barreira e intitula-se “Conteúdos em busca de forma: poética na escrita sociológica”. Neste artigo, as autoras retomam e completam a nossa ideia inicial acerca do papel que a palavra desempenha nas ciências sociais, questionando o papel que a literatura e a poesia podem possuir, no sentido de se assumirem como

produções fundamentais para o conhecimento e produção científica. Nesta primeira paragem, temos o vislumbre de uma das etapas do processo de descolonização da palavra: a admissão e o reconhecimento da existência de outras formas textuais, além da científica, conferindo ênfase à criatividade e à inovação. As segundas palavras situam-se no “Romance e a cultura da violência” de José Vicente dos Santos. Neste repouso, aproveitámos para refletir acerca da violência e do autoritarismo na sociedade brasileira. Aliás, autoritarismo e violência essas que são promovidas pela palavra, dita, escrita e digitada. Nesse sentido, a palavra e a literatura surgem como armas de combate, ou seja, como formas de expressão. Aqui temos também – de forma insurgente – a descolonização da sociologia, no sentido em que se afirmam e trabalham novas e diferentes sub-áreas que surgem como uma resposta às necessidades, nomeadamente a sociologia da violência e da conflitualidade *versus* uma sociologia do romance.

Por oposição, aquilo que é belo também é alvo de descolonização, não apenas os malefícios da sociedade ou pelo menos aqueles que são visíveis e berrantes. Em “Fazer arte e ganhar a vida: Uma análise de aspetos sociais e económicos do trabalho artístico musical de duas musicistas em São Luís” de Paulo Keller, incentiva-se o conhecimento acerca dos processos de descolonização que têm vindo a acontecer nos campos artísticos. Neste artigo está presente a ideia do “eu” nas ciências sociais, no sentido em que o autor destaca as questões do trabalho e da vida social e económica artística a partir de uma experiência de vida imersa em relações sociais mais amplas da cultura e da sociedade, pensando a música como uma prática de múltiplas dimensões e significados sociais, tornando-se também ela num veículo para a descolonização. O objetivo deste artigo é explorar a natureza e a interação das lógicas que informam o trabalho quotidiano de pequenas produções musicais.

Viviane Borges e Sandro Resende, em “‘No início havia o Jaime’: A loucura em Portugal no tempo presente e partir de uma escrita compartilhada” retratam a loucura da laringe, mas também realçam a importância da descolonização e da estigmatização da doença mental em Portugal. Assim, os autores centram-se no caso de Jaime Fernandes que internado por cerca de 30 anos no Hospital Miguel Bombarda sob diagnóstico de esquizofrenia paranoide, para historizar as nuances do binómio arte-loucura em Portugal no tempo presente, demonstrando que o passado é um meio efetivo para compreender o presente e o futuro. Neste artigo trabalhamos com processos de descolonização das sensibilidades. Por outro lado, Ana Patrícia Barbosa e Ana Luíza Carvalho da Rocha, com o artigo “(Des)construindo mapas, revelando espacializações: Narrativas cartográficas de uma etnografia (cartoetnográfica) em uma periferia da cidade de Porto Alegre/RS”, aferem uma espécie de descolonização dos espaços físicos, isto é, dos territórios. As autoras demonstram que é necessário descolonizar o pensamento político acerca dos territórios, sendo que as mesmas o fazem através de um percurso etnográfico realizado na Vila Cruzeiro do Sul,

ênfatizando dinâmicas territoriais e processos identitários de populações de periferias que, por sua vez, também são alvo de uma profunda colonização, especialmente por parte dos estudos anglo-americanos e anglo-saxônicos.

Mais à frente, após termos percorrido mais uns quilômetros na nossa viagem, parámos nos registros de pesquisa. O primeiro intitula-se “Quando a vida imita a arte: zombificação” e é de autoria de Ondina Pires. Tomamos, aqui, emprestado o conceito de polifonia do campo da música, que significa ter duas ou mais vozes ou partes, cada uma com uma melodia independente, mas todas harmonizadas (Pancot & Lusiani, 2021). Com a leitura deste registro, tornou-se perceptível que não só a palavra possui um poder transformador, como também a sétima arte, sendo o mesmo uma ferramenta útil na cruzada pela descolonização do conhecimento. Aliás basta ter em mente os filmes de Werner Herzog sobre a Amazônia. Ondina utiliza o cinema de George A. Romero como uma grande metáfora da vida moderna, tecnológica, inorgânica, consumista e decadente, estabelecendo uma ligação com o acontecimento de 6 de janeiro de 2021 no Capitólio, nos Estados Unidos da América. Assim, a palavra e a imagem aqui neste texto surgem como uma demonstração de como estes dois elementos conduzem as grandes massas de pessoas a comportamentos “zombificados” como se de uma mimese inconsciente e coletiva. Sofia Sousa em “Maze, um artista que penhora o coração em canções de evolução”, introduz a ideia de que os gêneros musicais também devem ser alvo de processos de descolonização. Nesse sentido, demonstra como a palavra pode ser catártica e uma força motriz para a inovação e para a evolução, na ótica de um artista que, acima de ser rapper, se considera um pensador, um criador e um filósofo e que, por sua vez, entende a palavra como a sua forma de resistência e de sobrevivência. Já Rui Saraiva em “Um Mercado sentido sociologicamente. Um ensaio sobre as palavras, as memórias e as identidades” outrossim nos demonstra a importância da palavra, mais concretamente da palavra como memória, nostalgia, raiz, apego.

E como todos nós temos de enfrentar um processo de descolonização, aqui fica o nosso singular e preliminar contributo. Acreditamos que são as palavras que nos prendem de forma mais segura à existência quotidiana. Retomamos o conceito de polifonia para o acrescentar à descolonização da palavra. A polifonia é contrária aos dualismos: ela ilustra-nos a complexa interação da forma como as pequenas produções culturais e de sentido são geridas nos quotidianos. num espaço de diálogo, de troca e de cooperação.

Porto e Niterói, junho de 2021.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bourdieu, Pierre (1983). *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero.
- Dabul, Lígia (2008). Conversas em exposição. Sentidos da arte no contato com ela. *Arte & Ensaios*, 16, 55-63.

- Darder, Antonia (2017). Decolonizing interpretive research: subaltern sensibilities and the politics of voice. *Qualitative Research Journal*, 18 (2), 94-104.
- Durkheim, Émile (2001). *O suicídio*. Lisboa: Editorial Presença.
- Evaristo, Conceição (2015). Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *Z Cultural. Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea*, Ano XV, 3, <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos-lugares-de-nascimento-de-minha-escrita/>
- Goffman, Erving (1974). *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Guerra, Paula & Quintela, Pedro (2021). *Independent DIY publications and underground urban cultures*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Guerra, Paula & Alberto, Thiago Pereira (2021). Welcome to the 'modern age': The imagery of punk from the 1970s in the redefinition of the New York music scene of the 2000s and beyond. In Russ Bestley, Mike Dines, Paula Guerra & Alastair Gordon (Eds.). *Trans-Global Punk Scenes. The Punk Reader Volume 2*. Bristol: Intellect Books.
- Henhawk, Dan A. (2013). My critical awakening: A process of struggles and decolonizing hope. *International Review of Qualitative Research*, 6 (4), 510-525.
- Hooks, Bell (1994). *Teaching to transgress. Education as the Practice of Freedom*. New York: Routledge.
- Kilomba, Grada (2019). *Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano*. Lisboa, Orfeu Negro.
- Mombaça, Jota (2021). *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro, Cobogó.
- Pancot, Chiara & Lusiani, Maria (2021) Beyond dualism? Exploring the polyphonic dimension of cultural productions. *The Journal of Arts Management, Law, and Society*, 51:1, 73-91.
- Paraskeva, João M. (2011). *Conflicts in curriculum theory*. New York: Palgrave.
- Spivak, Gayatri Chakravorty (1988). Can the subaltern speak? Nelson, C. & Grossberg, L. (Eds). *Marxism and the interpretation of culture* (pp.271-316). Urbana, IL: University of Illinois Press.
- Silva, Augusto Santos & Guerra, Paula (2015). *As palavras do punk*. Lisboa: Alêtheia Editores.

Paula Guerra. Doutora em Sociologia. Professora de Sociologia da Faculdade de Letras e Investigadora do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Professora Adjunta no Griffith Center for Social and Cultural Studies na Austrália. Investigadora colaboradora no Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», no Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território e no DINÂMIA'CET-IUL - Centre for Socioeconomic Change and Territorial Studies, Portugal. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto, Portugal. E-mail: pguerra@letras.up.pt. ORCID: 0000-0003-2377-8045.

Lígia Dabul. Doutora em Sociologia. Professora Colaboradora dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Nectar – Núcleo de Estudos Cidadania, Trabalho e Arte da Universidade Federal Fluminense. Poeta. Universidade Federal Fluminense, R. Miguel de Frias, 9 - Icaraí, Niterói - RJ, 24220-900, Brasil. E-mail: ligia.dabul@gmail.com. ORCID: 0000-0002-6224-9720.

Citação:

Guerra, Paula & Dabul, Lígia (2021). Para uma certa descolonização da palavra. Entre vírgulas e pontos finais. *Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 4(1), pp. 4-10. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav4n1/apr